



Gravidez na Adolescência 04

Por que há tantas adolescentes fazendo aborto no Brasil? Qual o tempo máximo de gravidez em que o aborto pode ser realizado, como ele é feito e quais são os seus riscos?

Infelizmente, todos os anos milhões de garotas engravidam no Brasil sem ter planejado ou desejado um filho. As últimas estatísticas mostram que de cada cinco bebês um tem a mãe com menos de 19 anos de idade; a cada ano são cerca de um milhão de recém-nascidos filhos de mães adolescentes. Não há estatísticas precisas de aborto provocado no Brasil, mas estima-se que para cada adolescente grávida que leva a sua gestação a termo há pelo menos uma que interrompe a gravidez. Seria 1 milhão de abortos provocados anualmente por adolescentes.

Muitas meninas brasileiras não têm acesso à informação e a métodos anticoncepcionais, como a pílula, por exemplo. Essa condição está associada à pobreza e à falta de escolaridade. Mas mesmo garotas bem informadas e com certo poder aquisitivo com frequência engravidam sem querer. A impulsividade, aquele pensamento mágico "comigo não acontece", a bebida que reduz a crítica e outros fatores acabam levando ao descuido que resulta em fecundação. Há muitos fatores inconscientes em jogo: mesmo achando totalmente errado engravidar naquela fase da vida, garotas acabam engravidando movidas por desejos de agredir a família, de se tornar independente, de segurar o namorado ou de se provar que é fértil.

E aí vem o desespero. A menstruação não veio. O teste deu positivo. E agora, o que fazer? Algumas assumem a maternidade, apoiadas pela família e às vezes também pelo namorado. Mas muitas, talvez a maioria, decidem interromper a gravidez. E o aborto é o meio para isso. Este tipo de aborto se chama *aborto provocado* porque existe também o *aborto espontâneo* quando a gestante perde o filho nos primeiros meses da gravidez em decorrência de problemas de saúde dela ou de malformação do feto.

No Brasil, o aborto só pode ser realizado legalmente quando a gravidez acarretar risco de vida para a mãe, quando for resultado de um estupro ou se o feto for portador de anomalias incompatíveis com a vida normal. Cuba é o único país da América Latina em que o aborto é legalizado. Nos Estados Unidos e em muitos países europeus o aborto é legal e acessível à toda a população (em alguns países garotas com mais de 16 anos podem solicitar aborto sem o conhecimento dos pais).

No Brasil, a imensa maioria dos abortos é feita na clandestinidade. Muitas meninas tomam remédios abortivos, outras introduzem objetos na vagina tentando provocar o aborto. Outras ainda procuram "curiosas" – mulheres "aborteiras" que, através da vagina, cutucam o colo do útero (com pinças ou mesmo simples agulhas de tricô) para provocar suas contrações e a expulsão do feto. O resultado é trágico: o aborto provocado está entre as principais causas de morte de mulheres no Brasil. Os remédios e as manipulações indevidas e sem assepsia levam a abortamentos incompletos, hemorragias e infecções que podem trazer sérias complicações à saúde, levar à esterilidade e mesmo à morte.

As garotas que têm dinheiro para pagar um médico acabam encontrando profissionais que aceitam realizar o aborto clandestinamente, em suas clínicas ou mesmo internando a garota em hospital com um diagnóstico falso. O aborto pode ser realizado até a 12ª semana da gestação (ou 14ª semana após a última menstruação). O método mais empregado é o *desucção* a jovem recebe anestesia local ou uma sedação leve e o médico introduz dentro do colo do útero um tubinho conectado a um aparelho de sucção que aspira o conteúdo intra-uterino. Às vezes, o aborto é feito por *curetagem* sob anestesia geral, o colo do útero é dilatado e é feita uma raspagem de todos os tecidos aderidos às paredes uterinas. Curetagem pode ser realizada até a 14ª semana da gestação. Acima desse tempo, só uma *microcesárea* por uma incisão no abdômen é feita uma incisão no útero e retira-se o feto com a placenta.

Aborto feito com todo o rigor técnico e a assepsia necessária por um médico capacitado não oferece grandes riscos à saúde da gestante. As seqüelas frequentemente são psicológicas. Depressão, sentimentos de culpa, arrependimento podem persistir por muito tempo, e mesmo por toda a vida.

15/02/2000

Eugenio Chipkevitch

Instituto Paulista de Adolescência

Tenho 15 anos e estou grávida do meu namorado de 16. A gente só transou três vezes. Gosto muito dele, mas nunca tinha pensado em ficar com ele para sempre. Acho que ele também não pensava nisso. Tenho medo de fazer aborto, até porque é ilegal, mas acho que ter esse nené vai ser muito ruim para todos os planos que eu tinha. Então também tenho medo de tê-lo e não ser uma boa mãe. Nossos pais já sabem e, apesar de terem ficado superchateados, nos disseram que vão aceitar o que a gente decidir e dar uma força, mas querem que a gente assuma a decisão. Eles dizem que não vão criar o bebê como se fosse deles. Acho que eles estão certos. Mas não sei o que fazer, e meu namorado menos ainda.

Esta é uma situação difícil mesmo. Certamente, não foi por falta de informação que vocês não se preveniram, mas por excesso de pressa, porque para vocês dois o relacionamento sexual ainda estava na fase da descoberta, da experimentação. É como se vocês estivessem fazendo um teste simulado para o vestibular – tem de fazer tudo da melhor forma possível, mas ainda não é para valer. Por isso, se em algum momento vocês pensaram no risco, acharam que ainda não podia acontecer. Só quando fosse para valer mesmo. E essa é uma das armadilhas da iniciação sexual precoce: não se dar conta de que é para valer desde a primeira vez.

Mas agora vocês já sabem disso e têm um grande problema pela frente. De fato, o aborto é ilegal e a maioria das pessoas que executam o aborto não é qualificada e pode causar danos irreparáveis à mulher. Os riscos são inúmeros, incluindo a morte da gestante. Os remédios abortivos, que agora têm um controle de venda muito maior, também podem causar complicações, sem considerar o fato de que eles podem simplesmente não funcionar. Mas, mesmo que fosse legalizado, o aborto é sempre, seja qual for o recurso usado, uma agressão ao corpo e à integridade da mulher. Os relatos de mulheres que provocaram ou sofreram aborto espontâneo é sempre de um sentimento de luto e de morte. Uma experiência muito traumática para uma adolescente de 15 anos, sem dúvida.

E quanto ao seu "medo de ter o bebê"? Pode ser que alguns dos planos que você tinha precisem mesmo ser alterados, adiados ou mesmo abandonados: fazer intercâmbio, estudar ou trabalhar em tempo integral, seguir carreiras que a afastem de casa por dias, por exemplo. Mas ter filhos, atualmente, em qualquer idade, não impede mulher alguma de ter projetos pessoais. E é importante para a sua saúde emocional e a do seu filho que você não desista de ter planos e de executá-los. Pais e mães que se sentem como que roubados de sonhos e projetos quando surge gravidez não planejada e muitas vezes indesejada, acumulam ressentimentos e mágoas que vão acabar interferindo na relação com os filhos. Talvez seja esse o seu temor quando fala em não conseguir ser uma boa mãe.

Um dos maiores danos que a gravidez na adolescência provoca são exatamente as renúncias que muitas adolescentes são levadas a fazer em função menos da criança em si, do que de preconceitos, dificuldades financeiras, ou falta de apoio familiar. O abandono dos estudos é a renúncia mais danosa. Implica não só a interrupção do seu desenvolvimento pessoal e intelectual e a limitação de suas possibilidades futuras, mas também um isolamento social injusto. Sabe-se que a escola é, para os adolescentes, não apenas o local onde se adquire cultura e preparo para a vida futura, mas o lugar privilegiado para estar com os amigos. É claro que com o desenvolvimento da gravidez e depois com o nascimento do bebê, muitos dos programas que você podia fazer com os amigos vão ficar prejudicados. Talvez seja a isso que seus pais se referiam quando disseram que não iam criar o bebê como se fosse filho deles – estavam alertando para as limitações que ter filhos implica. É a parcela de responsabilidade que você terá que assumir.

Quanto à sua relação com o seu namorado, nada de precipitações. Conversar muito a respeito de como cada um se sente em relação ao outro e ao filho em comum é talvez a única forma de manter um elo de companheirismo, que perdue mesmo que a relação afetiva acabe. Quando você afirma que nem você nem ele tinha a intenção de ficar juntos para sempre, você dizia em outras palavras: "Somos muito jovens para pensar nisso!". E isso continua sendo verdade, apesar da gravidez. O importante é resolver para cada um de vocês o inevitável sentimento de culpa que sempre assombra quando situações como essas ocorrem. Apesar deste imprevisto, tanto você quanto ele vão amadurecer, como manda a natureza. E então poderão decidir como administrar suas vidas. As três.

22/02/2000

Andréa Capelato

Instituto Paulista de Adolescência